ÇAFA
Nº 2 (2009)
On-line

# PEDRA DAS LETRAS: UMA ROCHA COM GRAFISMOS LINEARES (PROENÇA-A-NOVA)

## Rock of the Letters: a rock with linear graphisms (Proença-a-Nova)

**Francisco Henriques e João Carlos Caninas**[1]

**Palavras-chave:** grafismos rupestres, gravuras lineares (não figurativas), Proto-História, Proença-a-Nova

**Key words**: rock engravings, linear engravings (not figurative), Proto-History, Proença-a-Nova

[1] Arqueólogos. Associação de Estudos do Alto Tejo, altotejo@gmail.com.

## Resumo

Divulga-se documento que serviu de base à elaboração de proposta de classificação de uma rocha gravada situada no Município de Proença-a-Nova.

As gravuras rupestres nela representadas, que são não figurativas, de tipo linear, consistem em quatro bandas, paralelas, de sulcos com diferentes orientações, não formando um padrão regular. As gravações estão incisas na superfície sub-horizontal de um afloramento de metagrauvaque, situado nas cabeceiras de um curso de água (ribeira de Mesão Frio).

Existem paralelos formais para este tipo de composições, com idêntica técnica de gravação, em rochas ao ar livre e em abrigos do Norte de Portugal (Trás-os-Montes). Às gravações deste tipo é geralmente atribuída uma cronologia entre a Idade do Bronze e a Idade do Ferro.

## Abstract[2]

It is divulged the document which was the basis for the elaboration of the classification proposal for one rock with engravings located in the Municipality of Proença-a-Nova.

The non figurative but linear type of these engravings consists of four parallel lines with different non standard orientated ridges. These engravings are carved on a sub-horizontal surface of a metagreywacke type outcrop situated on the headboards of a water course (stream of Mesão Frio).

There are formal parallels for this type of compositions with identical carving technique found on open air rocks and in shelters on the North of Portugal (Trás-os-Montes). For these type of engravings the usual given chronology is between the Bronze Age and the Iron Age.

[2] Tradução de Hugo Cortez.

## Introdução

Porventura, a mais antiga referência que se conhece acerca da Pedra das Letras deve-se ao Padre Henrique da Silva Louro que a menciona nos seguintes termos (LOURO, 1939:14):

*"perto da Ribeira de Mesão Frio, mas já na freguesia de Proença-a-Nova à beira do caminho de pé quem vem desta Vila para Cimadas, encontra-se uma rocha que o vulgo chama de pedra das letras (embora ali se não conheça letra alguma) e que tem gravadas quatro linhas de esquisitos sinais bem acentuados medindo os maiores mais de 20 cm de comprimento, constituídos quase exclusivamente por traços simples ou em grupos. Descobrem-se neles todavia alguns caracteres ibéricos…"*

Também Jaime Lopes Dias a ela se refere na sua *Etnografia da Beira* (DIAS, 1963: 67), embora se deduza que a não tenha observado:

"*em Horta Dama, ribeira de Mesão Frio (Proença-a-Nova), existe uma pedra com caracteres chamada a Pedra das Letras*".

A arqueóloga Maria Amélia Horta PEREIRA (1970) refere a Pedra das Letras, citando o trabalho do Padre Henrique Louro, mas não desenvolve o tema. Outros investigadores da arqueologia regional analisam-na com maior atenção (BATATA & GASPAR, 2000; BATATA, 2006).

Em 1991 o mensário *Mancha Verde* publicou uma pequena notícia da ocorrência de achados arqueológicos nas proximidades da Pedra das Letras. Nesse ano os signatários[3] foram ao local, guiados pelo senhor José Martins Tavares, funcionário da Câmara Municipal de Proença-a-Nova.

Após essa visita executou-se um levantamento gráfico e um registo fotográfico da rocha gravada e foi publicada uma notícia no *Boletim Municipal de Proença-a-Nova* (AEAT, 1998), a que se seguiu, anos depois, uma outra na *Agenda Cultural* daquele município (SILVA, 2006).

A originalidade das gravações presentes nesta rocha, no contexto regional, e a existência de paralelos formais no relativamente distante Trás-os-Montes Oriental conferem-lhe particular interesse.

Tal interesse foi valorizado (HENRIQUES, CANINAS & CARDOSO, 2000) no âmbito do projecto de inventário arqueológico do Alto Tejo Português que é desenvolvido, desde há largos anos, pela Associação de Estudos do Alto Tejo, ao abrigo de projectos de investigação homologados pelos organismos de tutela.

O texto que agora se divulga corresponde a documento elaborado, há alguns anos, a pedido da Câmara Municipal de Proença-a-Nova, para fundamentar proposta de classificação da Pedra das Letras como imóvel de interesse municipal. Fizeram-se algumas alterações no documento então elaborado, sem a intenção de o actualizar à luz de conhecimentos mais recentes acerca do tipo de grafismos presentes na rocha em apreço.

[3] Alguns anos antes a Doutora Raquel Vilaça chamara a nossa atenção para este sítio arqueológico.

## 1. Localização e descrição

A Pedra das Letras[4] situa-se na Várzea Grande, cerca de 2500m a oeste de Proença-a-Nova (Fig. 1), no concelho e freguesia do mesmo nome. Próximo deste lugar existe uma pequena povoação abandonada designada Carcóvas. Embora situada na Várzea Grande, a Pedra das Letras é habitualmente relacionada com o topónimo Carcóvas.

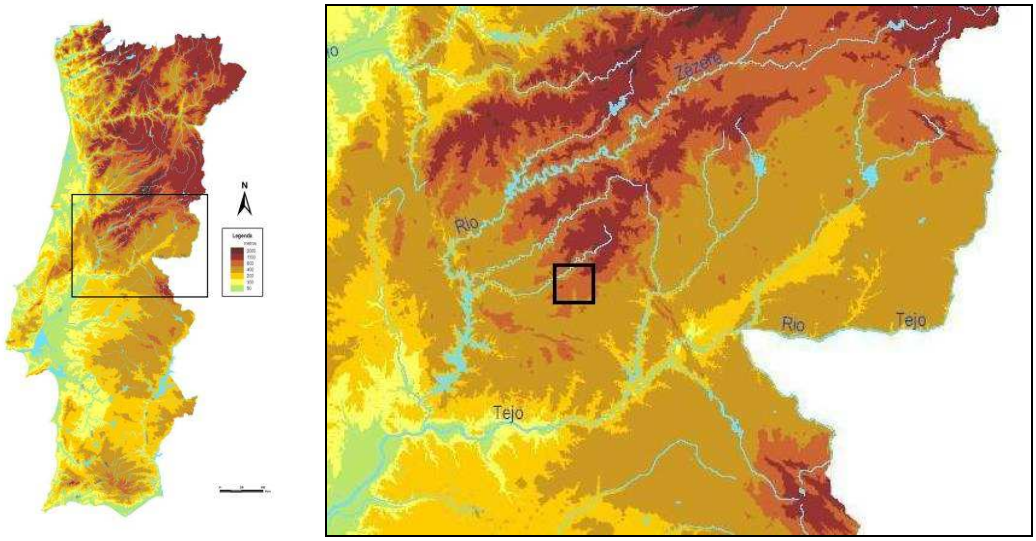


**Figura 1.** Localização da Pedra das Letras em extracto de mapa hipsométrico de Portugal (adaptação de mapa temático disponível em www.guiadeportugal.pt)

A Pedra das Letras está situada a 400m de altitude, no fundo de um enorme *teatro* natural (Fig. 2) virado a sul. Este espaço, em forma de concha, é sulcado por quatro linhas de água que confluem na Várzea Grande dando origem à ribeira do Mesão Frio. Esta ribeira, que tem um desenvolvimento quase linear, com vários quilómetros de extensão, na direcção Norte-Sul, aflui na ribeira da Pracana, a qual por sua vez desemboca no rio Ocreza, afluente da margem direita do rio Tejo.

O painel gravado situa-se junto da confluência das referidas linhas de água, num local de reduzida visibilidade. Ao lado da Pedra das Letras existe uma via que, noutros tempos, ligava Proença-a-Nova a Cimadas Cimeiras[5]. Hoje, este caminho, em muito mau estado de conservação, é usado como acesso a propriedades agrícolas.

Após um grande incêndio, ocorrido há cerca de duas décadas, a área envolvente cobriu-se de pinheiros e eucaliptos. A actividade agrícola que era praticada junto das linhas de água foi abandonada. A zona caracterizava-se "*pela fartura de águas, regava-se tudo pelo pé*", segundo informador local.

[4] Corresponde ao registo com a referência CNS 25224 na base de dados de sítios arqueológicos do Endovélico (IGESPAR I. P.).

[5] Refira-se que Mesão Frio poderá derivar "*do latim mansio frigidus, um albergue sem fogo, nem cozinha*" (MENÉNDEZ DE LUARCA, 2000), o que pode indicar uma via antiga (romana).

**Figura 2.** Vista do local de implantação da rocha.

O suporte onde as gravuras foram insculpidas é um afloramento de metagrauvaque, pertencente ao Grupo das Beiras do Super-Grupo Dúrico-Beirão, que ocupa o extremo duma parcela agrícola em socalco. Na construção deste socalco foi erguido um muro para suporte de terras e a linha de água foi aterrada e desviada. É provável que parte dos danos hoje patentes no painel tivessem origem no aproveitamento daquele espaço para a agricultura. Há vestígios de destruição de outros afloramentos na vizinhança da Pedra das Letras.

A este propósito consta que "*em 10 de Dezembro de 1935, uma cheia arrasou os terrenos e levou as paredes dos ribeiros. Parte da rocha da Pedra das Letras foi utilizada na reconstrução dos muros*" (SILVA, 2006:8).

O terço Sul do painel gravado é o sector que se apresenta mais destruído. O terço central é caracterizado por fracturas laminares, características deste tipo de rocha. Finalmente, o terço Norte contém a maior concentração de gravuras (Figs. 3 e 4)[6].

O painel apresenta-se coberto de líquenes e está suavemente inclinado para poente. Tem como dimensões máximas ortogonais 435cm e 210cm. Está posicionado cerca de 50cm acima do nível actual do solo. A superfície do afloramento apresenta ondulações, alguns dos quais se prolongam na direcção da sua dimensão máxima.

Os motivos gravados, não figurativos, são exclusivamente lineares, com comprimentos entre 3cm e 22cm e profundidades diversas. As gravações foram produzidas, por incisão, nas superfícies mais expostas e formam quatro bandas. Cada banda contém uma sequência de gravações lineares, perpendiculares às linhas de fractura, sendo dominante a orientação NE-SE. Observam-se algumas sobreposições e traços convergentes em V.

[6] O desenho que se apresenta foi tintado por André Pereira a partir de decalque (que carece de revisão) executado pelos signatários, há vários anos, de forma expedita e à luz natural. Deste modo, admite-se que não tenha sido possível identificar outras gravações, mais discretas, nomeadamente as de tipo filiforme.

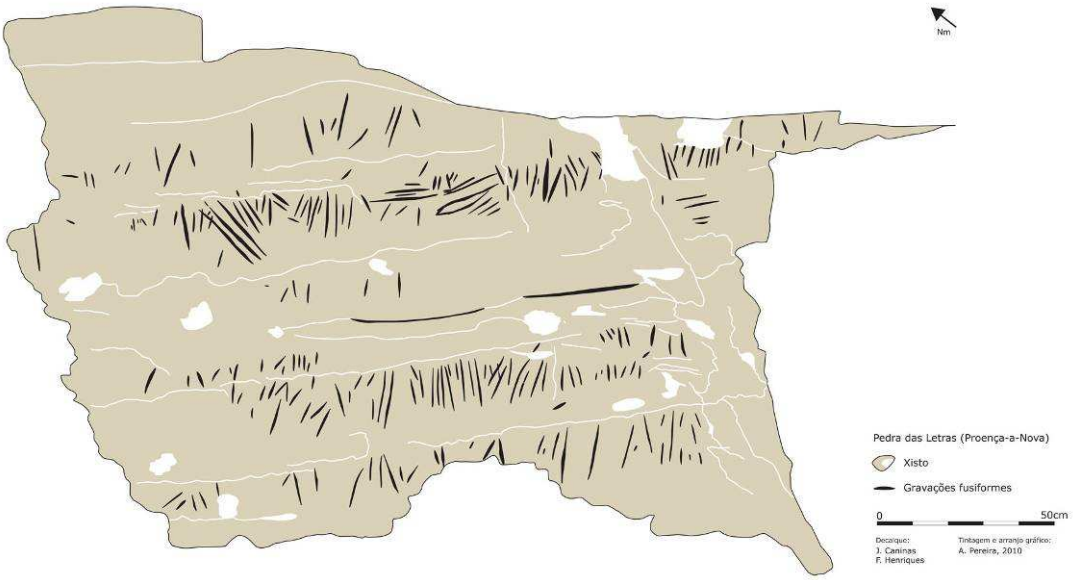


**Figura 3.** Decalque do sector Norte do painel gravado.

**Figura 4.** Vista do sector Norte do painel gravado.

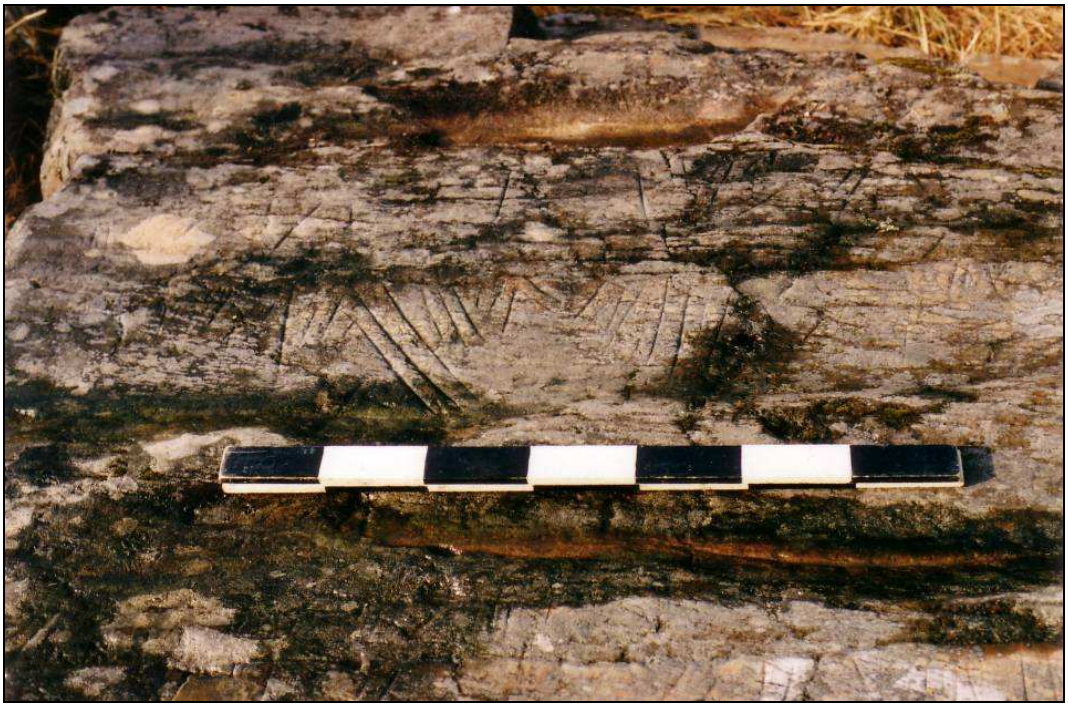

**Figura 5.** Um aspecto das gravações lineares.

As gravuras foram obtidas pela passagem de um ponteiro rijo sobre a superfície da rocha. O aprofundamento do traço foi produzido por sucessivas passagens do ponteiro. Não se observam indícios de terem sido preparadas por picotagem.

Distinguem-se dois tipos de gravações: as de traço profundo, espessadas na zona mediana e afiladas nas extremidades (gravações fusiformes), que são maioritárias; as de traço fino e de espessura mais regular. As incisões têm secção em V, com uma largura máxima de cerca de 1cm. Os sulcos mais profundos são também os que atingem maior largura. Não parecer haver correlação entre a profundidade-largura da gravação e o seu comprimento.

As gravuras de traço fino e contínuo, mantendo a espessura de um extremo ao outro, são em menor número. Os sulcos são muito finos, resultando de poucas passagens do ponteiro ou de uma única passagem. O instrumento utilizado teria lâmina muito fina, dado constatável na extremidade de algumas gravuras, por descontrolo da gravação.

Na Pedra das Letras de Proença-a-Nova parece sobressairem vários conjuntos de três linhas paralelas. Ana CUNHA (1991:255) refere um único caso semelhante no painel nº 3 de Molelinhos com "*3 sulcos, quase paralelos, feitos por abrasão, que fazem lembrar «afiadores»".* Maria de Jesus SANCHES (1992:42) refere que os traços na Fraga da Fonte do Prato da Rodela "*agrupam-se frequentemente em sequências que vão de 2 a 13 sulcos*".

## 2. Contexto arqueológico e integração etnográfica

Não há notícia de trabalhos de prospecção arqueológica, com carácter sistemático, na área envolvente da Pedra das Letras.

Com carácter extensivo, refiram-se os trabalhos realizados por Georg e Vera Leisner no domínio do Megalitismo do distrito de Castelo Branco (LEISNER & KALB, 1998; KALB, 1987), com relevo para os cerca de cem monumentos inventariados na área correspondente ao concelho de Proença-a-Nova.

No vizinho concelho de Mação, a ocidente, Maria Amélia Horta PEREIRA (1970) fez referência a um número comparativamente escasso de monumentos megalíticos, a maioria dos quais se localiza na área de Cardigos, a ocidente da ribeira do Mesão Frio. Merecem também referência o Castelo do Santo (Cardigos) e o Castelo Velho da Pracana (Carvoeiro) e ainda diversas estações e achados da época romana.

Em meados dos anos 70 foi estudada uma importante rocha com covinhas, na ribeira da Pracana (MONTEIRO & GOMES, 1977), integrável no complexo de arte do Tejo.

Desde os finais da década de 70 têm sido desenvolvidos trabalhos de prospecção arqueológica em algumas áreas do concelho de Proença-a-Nova tendo em vista a elaboração da respectiva carta arqueológica (HENRIQUES, CANINAS & CARDOSO, 2000). De entre os achados efectuados, alguns dos quais ainda inéditos, destacam-se vários monumentos megalíticos e três povoados, presumivelmente da Idade do Ferro (Castelo da Pracana Cimeira, Castelo dos Maxiais e Castelo do Peral, também designado Cerca do Castelo[7]).

A Pedra das Letras tem sido referida em diversos trabalhos do arqueólogo Carlos Batata que lhe atribuiu uma cronologia entre a Idade do Bronze e a Idade do Ferro (BATATA, 2006:152).

A comunidade que ainda hoje se relaciona com a Várzea Grande e Carcóvas é Cimadas Cimeiras. Para esta aldeia se mudaram os últimos habitantes de Carcóvas. Era daqui o proprietário do terreno onde se situa a Pedra das Letras.

Em Cimadas Cimeiras toda a gente conhece ou ouviu falar das gravuras. Dizem que "*são do tempo dos mouros*" ou que "*é letra romana*". Relativamente ao local "*contavam os antigos que «entre Vale Madeiro e a Várzea Grande estão cem sacos de dinheiro»*". Assunção VILHENA (1995:96) refere a este propósito que *"da Várzea Grande ao Vale Madeiro, há cem sacos de dinheiro. Há-de encontrá-los António José ou a Maria, ou rabo de enguia (arado)".*

## 3. Aproximação cronológico-cultural

No ensaio de contextualização deste sítio é forçoso procurar relacioná-lo com o complexo de gravuras rupestres pré-históricas do Vale do Tejo (SERRÃO *et al.,* 1972, 1973; BAPTISTA, 1986; GOMES, 1987) e seus principais afluentes, situados nas fronteiras entre os concelhos de Vila

[7] Deste sítio, citado entre outros autores por Proença Jr (1910), foi recentemente publicada cerâmica que documenta a sua ocupação na Idade do Ferro (DIOGO & CATARINO, 2006).

Velha de Ródão, de Nisa, de Mação, de Castelo Branco, de Idanha-a-Nova e dos ayuntamientos de Herrera de Alcântara e de Alcántara.

A Pedra das Letras, embora estando situada em ambiente fluvial e consistindo em superfície sub-horizontal, ao ar livre, tal como a generalidade dos suportes gráficos daquele complexo, enquadra-se, contudo, noutra realidade técnica e cultural. De facto, os seus paralelos formais (gravuras incisas), mais próximos, têm vindo a ser identificados em número crescente nas serras e vales da Cordilheira Central (Serras da Lousã, do Açor[8], de Alvélos, da Gardunha) em cujas encostas meridionais (Maciço de Alvélos) se inicia a drenagem da ribeira de Mesão Frio.

A Pedra da Letras também está algo *afastada* (em sentido geográfico) do conjunto de sítios que formam a denominada arte do Tejo, cujas gravuras se concentram no trecho daquele rio que é partilhado pelos concelhos de Vila Velha de Ródão e de Nisa, ou perto da confluências dos seus principais afluentes, embora também ocorrem, em menor número, ao longo do trajecto de alguns desses mesmos afluentes, como são os casos dos rios Ocreza (OOSTERBEEK, 2003) e Erges (HENRIQUES, CANINAS & CHAMBINO, 2008; NOBRE, 2008).

Mas se a técnica de gravação e a temática presentes na Pedra das Letras se distinguem, claramente, das características marcantes da arte do Tejo, com a dominância do picotado, notamos que as características desta última se têm afirmado na Cordilheira Central, com o aparecimento de novos conjuntos de gravuras geométrico-simbólicas executadas segundo a técnica do picotado (BATATA & GASPAR, 2000, 2009; BATATA, 2006; JACINTO; 2006; www.apia.pt).

Exemplos desta convergência, próximos da Pedra das Letras, são as rochas da Fechadura e da Lajeira, descobertas por Carlos BATATA (1998) na Serra do Cabeço Rainha, no concelho da Sertã, onde ocorrem, a curta distância e sobre idêntico suporte geológico (metagrauvaque), motivos picotados (círculos, espirais, ondulados, etc., na Lajeira) equiparáveis aos da arte rupestre do Tejo e figuras incisas (na Fechadura), com técnica idêntica à Pedra das Letras.

Na zona do Tejo Internacional poderíamos citar a ocorrência de incisões tecnicamente semelhantes às da Pedra das Letras num de seis monólitos, que considerámos (HENRIQUES *et al.,*1993:55) terem integrado um recinto megalítico desmantelado, reutilizados, no princípio do século, na divisória entre duas propriedades, o Arraial do Cabeço Mouro e o Couto de Santa Marina (das famílias Cerejo e Moura Pinheiro, respectivamente), situadas no Rosmaninhal, no concelho de Idanha-a-Nova. Esse menir, com "*gravações lineares em todas as suas faces incluindo o topo*" (HENRIQUES *et al.,* 1993:55), exibe uma miríade de traços abertos por abrasão, de profundidade e orientação variadas, e com inúmeras sobreposições.

Entre os sítios emblemáticos deste tipo de grafismos, no território português, para referir as descobertas mais antigas, devem citar-se a Pedra Escrita de Ridevides (SANTOS JÚNIOR, 1963), em Alfândega da Fé, a Pedra Letreira (NUNES & PEREIRA, 1959), em Góis, as rochas de Molelinhos (CUNHA, 1991), em Tondela, e o complexo de gravuras rupestres do Vale da Casa[9] (BAPTISTA, 1983). Contudo, entre aquelas e a Pedra das Letras contrapõem-se a

[8] Refiram-se a este propósito os Centros de Interpretação de Arte Rupestre de Chã de Éguas, no concelho de Arganil, e de Vide (www.apia.pt), no concelho de Seia. Ver ainda JACINTO (2006) e BATATA & GASPAR (2009).
[9] As gravuras fusiformes concentram-se numa das 23 rochas que formam este complexo, sem se associarem a outros motivos (filiformes e picotados).

diversidade e complexidade (com a presença de motivos figurativos), das primeiras, à uniformidade e monotonia temática da rocha de Proença-a-Nova.

Um caso muito relevante, para a contextualização deste tipo de grafismos, é a presença de um bloco móvel com sequência de incisões, idênticas às Pedra das Letras, na estrutura do corredor de uma passagem existente no recinto muralhado do Castanheiro do Vento, na bacia do Côa (JORGE *et al.*, 2003). E tanto na hipótese do bloco ali ter sido colocado já gravado como de ter sido inciso já instalado na passagem[10], o seu enquadramento cronológico é Calcolítico.

No entanto, os melhores paralelos para a Pedra das Letras da Várzea Grande, do ponto de vista da composição, encontram-se no planalto mirandês, onde a arqueóloga Maria de Jesus SANCHES (1992) analisou cinco grupos de painéis, sobre suportes de grauvaque, com *sinais lineares*. Apenas um desses painéis, o da Fraga da Fonte da Rodela, é ao ar livre. Os restantes (abrigos 2 e 5 de Vale de Espigueiros, Aguçadeiras, Fragas do Ribeiro do Vale dos Palheiros e Fragas do Diabo) estão situados em abrigos[11]. Nalguns verifica-se a associação entre sinais lineares e covinhas[12]. Os traços têm comprimentos e profundidades variadas. São também mais profundos e largos na parte mediana. Na tradição local, é nestes sítios que *"o diabo esfrega ou aguça as unhas"*.

Por outro lado, a terminologia de *polidores neolíticos*, também invocada para designar este tipo de gravações, fusiformes (sulco mais largo no meio do que nas extremidades), foi referida por SANTOS JÚNIOR (1963). BAPTISTA (1981,1983,1984) mantém tal designação e num abrigo em Solhapa, Miranda do Douro (BAPTISTA, 1986) refere a existência *"dos chamados «polidores» (gravuras de traço contínuo mais largo a meio do que nas extremidades)"*. Ana CUNHA (1991:255) prefere utilizar a expressão *sulcos,* referindo *"3 sulcos, quase paralelos, feitos por abrasão, que faz lembrar «afiadores»"*. Maria de Jesus SANCHES (1992) utiliza os termos *riscos* e sinais lineares para designar o tipo de gravura a que nos vimos referindo. Na estação de arte rupestre do Monte da Laje[13], em Valença (SILVA & CUNHA, 1986) existem três rochas com gravuras de tipo filiforme, pouco profundas, nas suas faces verticais. Têm aspecto desordenado e cruzam-se de forma não coerente. Os sulcos têm secção em V ou U, os mais largos. Os autores referem que este tipo de gravuras não é usual nas rochas graníticas e julgam *"poder considerar estes blocos, em face da sua posição relativa à grande rocha historiada, como polidores".*

A presença de armas nalgumas destas rochas, de composição mais diversificada, tem sustentado uma atribuição cronológica entre o Bronze Final e a 2ª Idade do Ferro. Também na opinião de Martinho BATISTA (1983:68) "*…devem pertencer a um momento anterior à Idade do*

[10] O bloco situa-se cerca de 80 cm acima do nível de solo atingido pela escavação (informação que se agradece ao Doutor João Muralha) em posição compatível com a sua gravação nessa posição.
[11] No caso de Trás-os-Montes, não é muito diversificada a implantação topográfica destas gravuras. Em geral, foram insculpidas em afloramentos situados junto das margens de cursos de água. Alguns encontram-se em abrigos e outros ao ar livre. As gravações ocorrem em superfícies sub-horizontais e sub-verticais.
[12] Esta associação está presente noutros locais como são os casos da Foz do Tua (sítio identificado pelos signatários no âmbito da elaboração do *Estudo de Impacte Ambiental do Aproveitamento Hidroeléctrico de Foz Tua*, 2008) ou do sítio da capela de São Cristóvão (GOMES, 2002: 172), a sul do Castelo de Monsaraz, onde um dos signatários (JC) identificou diversos painéis gravados com covinhas, filiformes e algumas gravuras lineares do tipo em estudo, caso que evidencia uma larga distribuição territorial destes motivos no território português.
[13] É composta por nove rochas em afloramento granítico. Entre os motivos gravados destacam-se covinhas, círculos, reticulado, linhas, idoliformes e armas.

*Ferro, possivelmente a um estádio indeterminado da Idade do Bronze. Poderá também ser esta a fase a que estão ligadas algumas das gravuras do tipo 2, os hipotéticos «afiadores»*". Ainda a propósito das "*incisões filiformes ou abertas por abrasão, do tipo das denominadas «unhadas do Diabo», de aspecto fusiforme...*" Mário Varela Gomes cita outros autores para referir a sua presença em ambas as margens do Mediterrâneo e a hipotética cronologia paleolítica ou epipaleolítica (GOMES, 2002: 170).

Outra característica interessante de algumas destas rochas, indicando perduração, é a presença de sequências alfabetiformes. São disso exemplos, a inscrição da Fechadura, rodeando um escudo (BATATA, 1998:19), a inscrição de Las Pisás de los Moros ou El Tesito de los Cuchillos, que está encostada a duas espadas (SEVILLANO, 1991: 69, 76)[14] e a inscrição, com caracteres de tipo ibérico, presente na rocha 23 do Vale da Casa (BAPTISTA, 1984: est. 4), ao lado de filiformes representando uma cena de caça e de dois podomorfos picotados.

Contudo, com idêntica morfologia podem encontrar-se, em várias localidades da Península Ibérica, gravações lineares, produzidas por desgaste, em construções e monumentos públicos como catedrais, igrejas e até em casas privadas (BALESTEROS, 1997), em geral em zonas de passagem, sobre os silhares de portas e portais, e, ainda, em colunas e bases de cruzeiros.

Um desses casos pode observar-se numa das colunas que sustentam a extensa arcaria da Mesquita de Córdova (Fig. 6). Trata-se de uma coluna torsa, de cor anegrada, correspondente à primeira fase de construção daquela mesquita, no reinado de Abd al-Rahman (séc. VIII). Tanto a coluna como o capitel que sustenta são reutilizações de peças anteriores[15] tal como refere NIETO CUMPLIDO (2005:12), a "*mezquita primitiva contaba con 142 columnas y sus respectivos capiteles y cimacios, todos aprovechados de edifícios más antiguos*". Contudo os desgastes que evidencia, lineares, ovais e circulares, estes últimos similares às chamadas covinhas das rochas ao ar livre, são seguramente posteriores à colocação da coluna naquele templo, embora não se possa dizer se coevos da fase islâmica ou cristã. Tal como noutros casos pode tratar-se de uma pedra (negra)[16] à qual foi atribuído valor simbólico ou propriedades mágicas e de onde poderão ter sido extraídas partículas para mezinhas.

---

[14] Importa referir que, um outro investigador da Arqueologia cacerenha (GONZALEZ CORDERO, 2000:536), atribui cronologia hispano-visigoda às armas ali figuradas.

[15] A este propósito consultámos a Drª Lídia Fernandes que nos informou gentilmente tratar-se de "*capitel tardo romano, reaproveitado. Fuste e coluna não terão funcionado num mesmo local, um é em calcário, ou mármore e a pedra de cor preta é claramente distinta. A cronologia do capitel rondará os finais do séc. II ou, mais provavelmente o III. Quanto ao fuste, é impossível dizer uma cronologia pois a chamada "coluna torsa" não é específica de nenhuma época. Trata-se, no entanto, de um bom trabalho técnico e não será, decerto, um exemplar tardio*."

[16] A respeito das incisões e covinhas em apreço aproveitamos para referir alguns tópicos avançados pela Drª Lídia Fernandes que admite *"relacionar esse facto com a manutenção de um valor simbólico … em muitos templos, existia um fuste em pedra negra*". E cita o caso de um fuste de cor negra existente numa igreja copta na cidade do Cairo (Saint Mary Church, na rua Sharia Maria Gerges). Lídia Fernandes e Edite Alberto (autoras do texto *Sobre os Jogos Gravados em Pedra do Distrito de Castelo Branco,* publicado neste número da *Açafa On Line*) referem que este "*cumulativo de simbologias pode, com toda a apropriação, ser equiparado às rochas com múltiplas inscrições de símbolos e inclusivamente de jogos de tabuleiro. Como escrevemos (ver artigo acima citado), uma determinada pedra, ou pela sua localização ou por algum acontecimento associado, passa, a partir de certa altura, a ter um valor acrescido criando-se o hábito, ou o ritual de inscrever sinais. Este valor vai sendo sublinhado, relembrado e aumentado sendo esta a razão, a nosso ver de, numa mesma pedra, existirem tantas figuras sobrepostas e de distintas épocas. Se algumas figuras podem ser consideradas pré e proto-históricas outras há, como alguns jogos de tabuleiro, que são claramente posteriores."* … "*Na catedral de Compostela, o fuste central da entrada, que cria deste modo duas entradas no espaço religioso, está acentuadamente gasto criando uma depressão com o formato*

Facto curioso é a convergência de covinhas e de incisões lineares tanto na coluna da mesquita de Córdova como em algumas rochas de Trás-os-Montes Oriental (Abrigo 2 de Vale de Espinheiros) e, por exemplo, no sítio da Foz do Tua, dois processos mecanicamente diversos de obter, talvez, um mesmo efeito.

**Figura 6.** Coluna torsa de Abd al-Rahman I na Mesquita de Córdova (foto da esquerda in NIETO CUMPLIDO, 2005:12, restantes fotos de JC).

*de uma mão. Toda a gente que entra coloca a mão naquele local acentuando, cada vez mais, a depressão. É um acto ritual, um símbolo de entrada e de participação no mundo religioso".*

Sistemas de contagem[17] ou afiadores de ferramentas (ilustrado pelo sugestivo topónimo de *Aguçadeiras*) têm sido algumas das funções apontadas para as gravações observadas em rochas ao ar livre, a segunda das quais nos parece muito pouco prática[18] quando aplicada a suportes imóveis, em detrimento de peças móveis, criteriosamente escolhidas, mais facilmente manobráveis e disponíveis nos locais de *habitat.* Será mais plausível encontrar uma justificação no domínio do simbólico, do ritual e do sagrado.

## 4. Considerações finais

A Pedra das Letras de Proença-a-Nova, enquanto rocha caracterizada por sequências de traços lineares, tem semelhanças formais com conjuntos gráficos gravados ao ar livre ou em abrigos, da região Oriental de Trás-os-Montes, e com um bloco móvel inserido num recinto muralhado Calcolítico (Castanheiro do Vento, Côa). Contudo, gravações deste tipo apresentam ampla representação no território português (Fig. 7).

As gravações da Pedra das Letras podem ser *lidas* em sequência segundo direcções paralelas bem definidas. Esta circunstância poderá ter determinado a sua interpretação, por populações analfabetas, como sequências de letras, e daí talvez a designação popular, recorrente, de *pedra das letras* ou *pedra letreira*. Porém, a presença de inscrições alfabéticas em painéis deste tipo permite sugerir a hipótese de ter existido uma inscrição em sector já destruído do afloramento que serve de suporte à Pedra das Letras

Nestes conjuntos, monótonos, de traços ou gravações lineares (e em especial no de Proença-a-Nova), pese embora a variabilidade de alguns parâmetros, como sejam, o comprimento, a espessura, a profundidade, a orientação dos sulcos, e a distância aos sulcos vizinhos, a regularidade e o confinamento rígido das incisões no painel são evidentes, como que sugerindo uma narrativa ou um registo.

Em referência à Pedra das Letras, pode perguntar-se: os traços foram gravados ao mesmo tempo ou sequencialmente? E cada traço foi gravado uma só vez ou terá sido aprofundado ao longo de um certo tempo? Inclinamo-nos a sugerir a pertinência de um processo aditivo, repetitivo, diríamos, ritual. As analogias podem encontrar-se noutro conjunto de grafismos, as covinhas, quando estas ocorrem de forma monótona e tematicamente homogénea, que tal como as incisões lineares exibem variabilidade nas dimensões e na profundidade do desgaste.

Por outro lado, é curiosa a analogia formal das gravações lineares mais profundas, largas no meio e afiladas nas pontas, com cortes provocados por instrumentos cortantes na pele dos seres vivos. Nesta linha de reflexão, refira-se, novamente, a versão popular segundo a qual o "*diabo afiava as unhas naquelas pedras*" (LEMOS & MARCOS, 1984).

[17] Consultou-se o matemático Jorge Nuno Silva quanto a esta possibilidade, que nos citou como referência o osso de Ishango: http://primes.utm.edu/glossary/xpage/IshangoBone.html e http://mathworld.wolfram.com/IshangoBone.html).

[18] Segundo afiadores tradicionais para afiar um instrumento sobre rocha é mais importante obter um adequado ângulo de contacto entre os materiais do que a dureza do suporte.

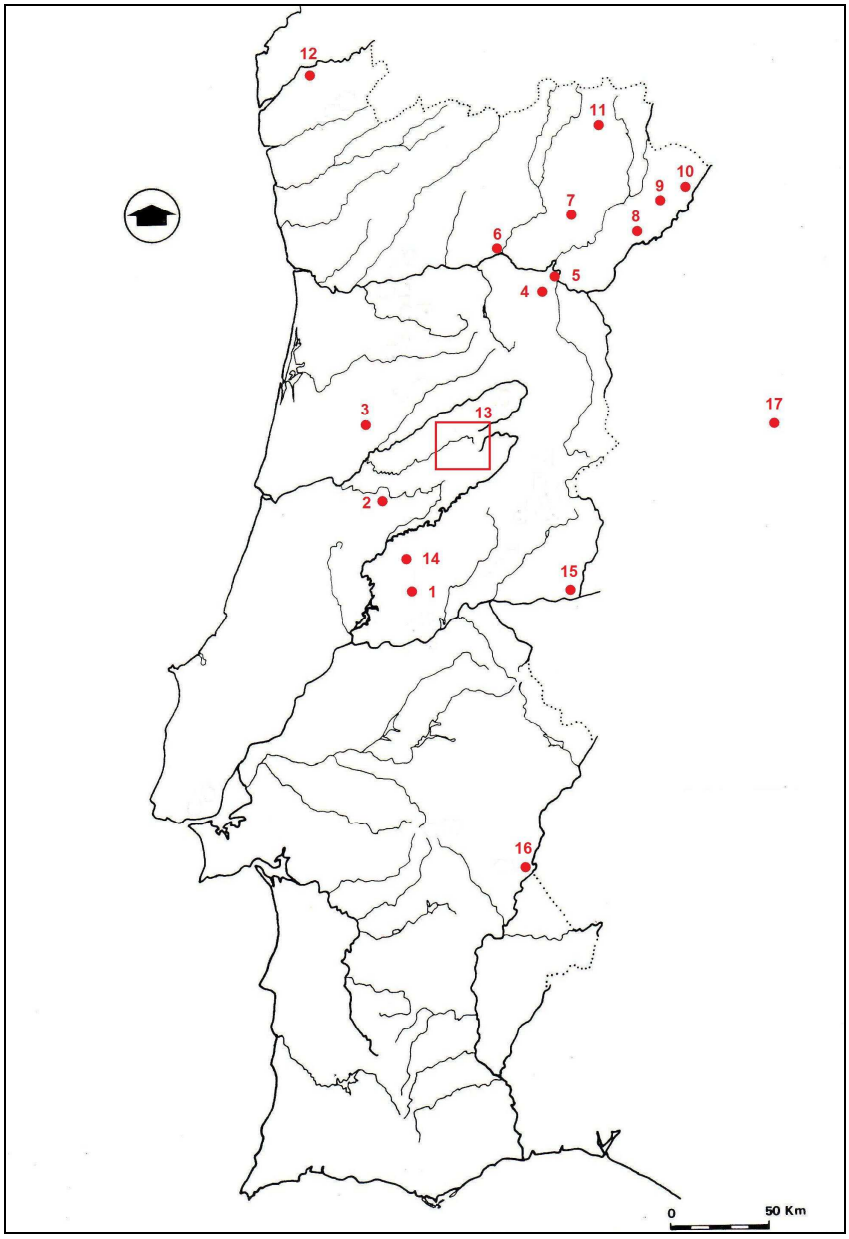


**Figura 7.** Localização no território continental de alguns sítios citados no texto: 1 - Pedra das Letras da Várzea Grande, Proença-a-Nova (1); Pedra Letreira da Fonte Fria, Góis (2); Molelinhos, Tondela (3); Castanheiro do Vento, Vila Nova de Foz Côa (4); Vale da Casa, Vila Nova de Foz Côa (5); Foz Tua, Alijó (6); Pedra Escrita de Ridevides, Alfândega da Fé (7); Fragas do Diabo e Fraga da Fonte do Prado da Rodela, Mogadouro (8); Aguçadeiras e Vale de Espinheiros, Miranda do Douro (9); Solhapa, Miranda do Douro (10); Pedra Escrita da Fraga dos Fusos, Bragança (11); Monte da Laje, Valença (12); Serra do Açor (13); Fechadura e Lajeira, Sertã (14); Cabeço Mouro, Idanha-a-Nova (15); São Cristovão, Reguengos de Monsaraz (16); El Tesito de los Cuchillos, Las Hurdes, Cáceres (17).

Qual a função destas gravações? Prática, lúdica ou ritual? Temos dificuldade em aderir à hipótese *prática:* o suporte é imóvel e o padrão de desgaste não parece ser compatível com o acto de afiar ferramentas; de facto muitas gravuras não são lineares mas onduladas e a secção do corte em V fechado não possibilita a aplicação segundo ângulos adequados à função pretendida. Também nos pronunciamos a desfavor da hipótese lúdica.

É sugestiva a analogia formal das gravuras fusiformes com o corte na pele de um ser vivo. Poderíamos, então, ver no acto repetitivo de aprofundar o traço algo de propiciatório do sucesso na guerra ou na caça; é sugestiva a ocorrência em algumas destas rochas de gravações correlacionáveis, de forma mais ou menos directa, com ferramentas e armas (Molelinhos, Ridevides, Góis, Las Hurdes).

A hipótese ritual, sugerindo acto repetitivo, parece interessante na medida em que poderá explicar as diferenças de profundidade e espessura de sulcos, como acontece nos conjuntos simples já citados. Por outro lado, a hipótese sugerida pelas gravações presentes em contextos modernos, como o caso da Mesquita de Córdova, de serem determinadas por actos simbólicos ou extracções com fins mágicos, precisava de ser confirmada pela via etnográfica.

O que significaram as incisões patentes na Pedra das Letras? Decerto, nunca saberemos, o que não diminui o interesse do sítio arqueológico e a obrigação de preservarmos para a posteridade mais uma marca de humanização do território.

## Bibliografia

AEAT (1998). **As gravuras lineares da Pedra das Letras,** *Boletim Municipal*, 11 (Outubro de 1998), Câmara Municipal de Proença-a-Nova, p. 21-22.

BALESTEROS, C. (1987). **Marcas de simbologia religiosa Judaica e Cristã em ombreiras de portas – III (Novos elementos)**, *Ibn Maruan*, 7, Revista Cultural do Concelho de Marvão, p. 165-182.

BAPTISTA, A. M. (1981). **A rocha F-155 e a origem da arte do Vale do Tejo**, *Monografias Arqueológicas, 1*, Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto, 83p, Porto.

BAPTISTA, A. M. (1983). **O complexo de gravuras rupestres do Vale da Casa (Vila Nova de Foz Côa)**, *Arqueologia*, 8, p. 57-69, Porto.

BAPTISTA, A. M. (1984). **Arte rupestre do Norte de Portugal: uma perspectiva**, *Portugália*, nova série, vol. IV-V, instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 71-86, Porto.

BAPTISTA, A. M. (1986). **Arte rupestre pós-glaciária. Esquematismo e abstracção**, *História da Arte em Portugal*, vol. 1, Publicações Alfa, p. 31-55, Lisboa.

BATATA, C. (1998). ***Carta arqueológica do concelho de Sertã***, Câmara Municipal de Sertã, 96p.

BATATA, Carlos & GASPAR, Filomena (2000). **Arte rupestre da bacia hidrográfica do rio Zêzere**, *Actas do III Congresso de Arqueologia Peninsular*, vol. IV – Pré-História Recente da Península Ibérica, Associação para o Desenvolvimento da Cooperação em Arqueologia Peninsular, p. 575-585, Porto.

BATATA, Carlos & GASPAR, Filomena (2009). **Carta arqueológica do concelho de Pampilhosa da Serra**, Câmara Municipal de Pampilhosa da Serra e Ozecarus Lda, Pampilhosa da Serra.

BATATA, Carlos António Moutoso (2006). **Idade do Ferro e Romanização ente os rios Zêzere, Tejo e Ocreza**, *Trabalhos de Arqueologia*, 46, Instituto Português de Arqueologia, Lisboa.

BATATA, Carlos, GASPAR, Filomena & BATISTA, Álvaro (1999). **O ineditismo do 1º milénio a.C. da bacia hidrográfica do rio Zêzere no contexto da arqueologia proto-histórica nacional**, *Actas do II Congreso de Arqueología Peninsular*, tomo III – Primer Milenio y Metodología, Fundación Rei Afonso Henriques, p. 25-35, Zamora.

CUNHA, A. L. da (1991). **Estação de arte rupestre de Molelinhos. Notícia preliminar**, *Actas das IV Jornadas Arqueológicas* (Lisboa, 1990), Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 253-265, Lisboa.

DIAS, Jaime Lopes (1963). ***Etnografia da Beira***, vol. 9, 262p., Lisboa.

DIOGO, A. M. Dias & CATARINO, João (2006). **Cerâmica da Idade do Ferro do castro da Cerca do Castelo, Proença-a-Nova**, *Almadan*, 2ª série, 14, Centro de Arqueologia de Almada, p. 153-154.

GOMES, M. V. (1987). **Arte rupestre do Tejo**, *Arqueologia do Vale do Tejo*, Instituto Português do Património Cultural, p. 27-43, Lisboa.

GOMES, M. V. (2002). **Arte rupestre em Portugal – perspectiva sobre o último século,** Arqueologia 2000: Balanço de um Século de Investigação Arqueológica em Portugal, *Arqueologia e História*, 54, Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 139-194, Lisboa.

GONZÁLEZ CORDERO, A. (2000). **Grabados rupestres en Extremadura. Prologo de una investigacion**, *Actas do III Congresso de Arqueologia Peninsular*, vol. IV – Pré-História Recente da Península Ibérica, Associação para o Desenvolvimento da Cooperação em Arqueologia Peninsular, p. 529-546, Porto.

HENRIQUES, F., CANINAS, J. C. & CHAMBINO, M. (1993). **Carta arqueológica do Tejo Internacional**, vol. 3, *Preservação*, nº 14-16, Associação de Estudos do Alto Tejo, 299p., Vila Velha de Ródão.

HENRIQUES, F., CANINAS, J. C. & CHAMBINO, M. (1995b). **Rochas com covinhas na Região do Alto Tejo Português**, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. 35, fasc.4, p.191-206, Porto.

HENRIQUES, Francisco, CANINAS, João C. & CHAMBINO, Mário (2008). **Cartografia arqueológica nos Rios Erges, Aravil e Tejo (Idanha-a-Nova e Castelo Branco). Primeira notícia**, *AÇAFA on-line*, 1, Associação de Estudos do Alto Tejo, www.altotejo.org.

HENRIQUES, Francisco, CANINAS, João Carlos & CARDOSO, João Luis (2000). **Relatório dos trabalhos de cartografia arqueológica nos concelhos de Proença-a-Nova, Castelo Branco e Idanha-a-Nova em 1999**, Projecto ALTEJO – Pré-História Recente na Margem Direita do Alto Tejo Português, Associação de Estudo do Alto Tejo, Vila Velha de Ródão.

JACINTO, Maria João (2006). **A arte rupestre da Serra do Açor / Serra da Estrela,** *Revista Era Arqueologia,* 7, Edições Colibri, Lisboa.

JORGE, V. O., CARDOSO, J. M., PEREIRA, L. S. & COIXÃO, A. S. (2003). **Castanheiro do Vento, a Late Prehistoric monumental enclosure in the Foz Côa Region, Portugal – recent research (1998-2002)**, *Journal of Iberian Archaeology*, Associação para o Desenvolvimento da Cooperação em Arqueologia Peninsular, p. 137-161, Porto.

KALB, P. (1987). **Monumentos megalíticos entre Tejo e Douro**, *El Megalitismo en la Península Ibérica*, Ministério de Cultura, p. 95-109, Madrid.

LEISNER, V. & KALB, P. (1998). ***Die Megalithgraber der Iberischen Halbinsel. Der Westen***, Deutsches Archaologisches Institut, Walter de Gruyter, Berlin, 162p., New York.

LEMOS, F. Sande & MARCOS, D. (1984). **As gravuras rupestres das Fragas do Diabo. Mogadouro**, *Cadernos de Arqueologia*, série II, nº1, p. 137-141, Braga.

LOURO, Padre H. da Silva (1939). ***Monografia de Cardigos***, Cucujães.

MANCHA VERDE, 1991, nº 25 de Novembro, p.3.

MENÉNDEZ DE LUARCA, José Ramón (2000). ***A construção do território. Mapa histórico do Noroeste da Península Ibérica***, Fundación Rei Afonso Henriques, 456p.

MONTEIRO, J. P. & GOMES, M. V. (1977). **Rocha com covinhas na Ribeira da Pracana**, *Arqueólogo Português*, série III, vol. VII-IX, p. 95-99, Lisboa.

NIETO CUMPLIDO, Manuel (2005). ***La Mezquita-Catedral de Córdoba***, Editorial Escudo de Oro, S.A., Barcelona.

NOBRE, Luís Filipe da Silva (2008). **Arte rupestre Pré-Histórica da margem esquerda do Rio Erges**, Centro Europeu de Investigação da Pré-História do Alto Ribatejo, *Arkeos – Perspectivas em Diálogo*, 24, em CD-Rom anexo.

NUNES, J. C. & PEREIRA, A. M. B. (1959). ***A Pedra Letreira***, Câmara Municipal de Góis.

OOSTERBEEK, Luís (2003). **Vale Ocreza – Campanha de 2001**, *Techne*, 8, Tomar, p.41-70.

PEREIRA, M. A. H. (1970). ***Monumentos históricos do concelho de Mação***, Câmara Municipal de Mação.

PROENÇA JÚNIOR, F. T. de (1910). ***Archeologia do districto de Castello Branco. Contribuição para o seu estudo***, Typ. Leiriense, 25p., Leiria.

SANCHES, M. de J. (1992). **Pré-História Recente no Planalto Mirândes (Leste de Trás-os Montes)***, Monografias Arqueológicas*, 3, Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto, 170p., Porto.

SANTOS JÚNIOR, J. R. dos (1963). **As gravuras litotrípticas de Ridevides (Vilariça)**, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 19 (2), Instituto de Antropologia "Dr. Mendes Corrêa", Porto, p. 111-144.

SERRÃO, E. da C., LEMOS, F. S., MONTEIRO, J. P. & QUEROL, M. de los Angeles (1973). **Notícias de novas descobertas no complexo de Arte Rupestre do Tejo**, Actas *das II Jornadas Arqueológicas*, vol. I, Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 159-179, Lisboa.

SERRÃO, E. da C., LEMOS, F. S., MONTEIRO, J. P., QUEROL, M. de los Angeles, LOPES, S. R. & JORGE, V. O. (1972). **O complexo de arte rupestre do Tejo (Vila Velha de Ródão - Nisa): Notícia preliminar**, *Arqueologia e História*, 9ª série, vol. IV, Lisboa.

SEVILLANO S. JOSÉ, Maria del Cármen (1991). **Grabados rupestres en la comarca de Las Hurdes (Cáceres)**, *Acta Salmanticensia. Estudios Historicos y Geograficos, 77*, Ediciones Universidad de Salamanca, Salamanca.

SILVA, António Manuel Martins da (2006). **A Pedra das Letras**, *Agenda Cultural, Dez.2006*, Município de Proença-a-Nova, p. 8-9.

SILVA, Eduardo Jorge Lopes da & CUNHA, Ana Maria C. Leite (1986). **As gravuras rupestres do Monte da Laje (Valença)**, *Arqueologia*, 13, Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto, Porto, p. 143-158.

VILHENA, M. Assunção (1995). ***Gentes da Beira. Aspectos etnográficos do concelho de Proença-a-Nova***, Edições Colibri, Lisboa.